

# EDITORIAL

«Eu senti um grande grito em toda a natureza»

(Munch)<sup>1</sup>

«Se a luz estiver em teu coração,

O mundo inteiro torna-se teu lar»

(RUMI)

Tempos atribulados os que vivemos.

Impossível ficarmos alheios ao que assistimos um pouco por todo o mundo.

A escalada de violência que se regista aos mais diversos títulos é inaudita.

«O Grito» de Munch, até pela sua riqueza interpretativa, espelha a um só tempo os gritos calados por tantas e tantos na sua dor mais profunda por tudo o que observam e vivem.

Entre as atrocidades físicas, psicológicas e/ou morais a que somos sujeitos, há uma esperança desmedida na superação. Acaba de ser aprovado o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) ainda durante a Presidência Portuguesa da União Europeia e o solstício de Verão parece querer desvanecer o pôr do sol norueguês, de Munch.

Nem todos os sectores se ressentem do mesmo modo e o futuro de muitos, em grande medida, depende do esforço e do apoio na recuperação.

Para a Cultura, o cenário vivido, tem sido devastador e é tempo de, qual Fénix, renascer das cinzas, pois a ela devemos em boa parte a superação permitida nos últimos meses, socorrendo-nos de arquivos, registos de memórias, livros, filmes, e é tanto que nos agarra à vida e nos sustenta em tempos difíceis.

A tempo de lembrar «já que nem só de pão vive o Homem» transcrevemos a magnífica síntese da escritora brasileira como mote para o recomeço desejado:

«Ouça, Virgínia, é preciso amar o inútil.

Criar pombos sem pensar em comê-los,

plantar roseiras sem pensar em colher rosas,

escrever sem pensar em publicar,

---

<sup>1</sup> Edvard Munch, pintor norueguês, em 1893, assina uma série de quatro quadros intitulada «O Grito»; a frase citada na epígrafe é retirado do seu diário, dado a conhecer na Exposição aberta ao público, no Museu Britânico, em Abril de 2019.

fazer coisas assim, sem esperar nada em troca.

A distância mais curta entre dois pontos pode ser a linha reta,  
mas é nos caminhos curvos que se encontram as melhores coisas.”  
(Lygia Fagundes Teles in *Ciranda de Pedra*)

A edição de 2021 da Herança, apostada na Cultura e em consolidar o trabalho que vem sendo feito, apresenta um primeiro número que integra textos de investigadora(o)s nacionais e estrangeiros, numa altura em que se prepara para se candidatar a novas indexações, no sentido de alcançar maior visibilidade para a qualidade dos ensaios recebidos; apraz-nos registar termos sido distinguidos com as múltiplas submissões recebidas, não obstante a turbulência presente, também refletida nos meios académicos e científicos. Empenhada(o)s em levar por diante a missão a que nos propusemos, trazemos desta feita duas recensões críticas que, sendo novidade, surgem no final da publicação, assinadas por Elizangela Steinmetz, mestre em História da Literatura e António Carlos Cortez, professor, poeta e crítico literário, analisando dois livros publicados, respetivamente *Florabela Espanca na pintura de Isabel Nunes* e *Vida e Obra de Virgínia Victorino*. Duas figuras, sem dúvida marcantes da Cultura portuguesa, em moldes singulares, e igualmente diversos, aplaudidas muitas vezes e ignoradas tantas outras, permitem um quadro *suigeneris*, ainda que complexo em termos de estética da receção, das «Mulheres de Letras» no nosso país.

A ler, diríamos.

Dos artigos publicados neste primeiro semestre notamos:

Diana Carvalho é a autora do ensaio: *A fiscalização dos Expostos em Leiria. Estudo do Regulamento de 1879*. Como o título indica, nele é efetuado um estudo a partir do estatuído no Regulamento de 1879, na região de Leiria, sobre o assunto da exposição infantil. Um assunto candente no século XIX ao qual se dá no texto o merecido relevo.

Segue-se-lhe *A Arte urbana e o Turismo: uma proposta contradiscursiva sobre as práticas artísticas no espaço público urbano e os impactos do turismo* por Diogo Goes, diretor da revista *A Pátria*, que saudamos. Nas suas palavras:

« A intervenção artística no espaço público urbano, no uso de um discurso específico sobre arte contemporânea e do exercício de práticas curatoriais, carece de uma identificação com o "lugar" - espaço habitado e vivenciado, no qual se criam hábitos - e com a sua envolvente situacional e

social, bem como, do reconhecimento de um contexto identitário, histórico e social, subjacente à especificidade do desenvolvimento urbano herdado e sobre aquele que se projeta para o futuro, da pós-intervenção.» É sobretudo esse o olhar multifacetado e inclusivo com que nos brinda, tão importante quanto premente»

José Carlos Meneses, por sua vez, oferece-nos um périplo pel’O “(re)aportuguesamento” através da cultura popular: do séc. XIX aos nossos dias, no qual se propõe proceder ao estudo da evolução da cultura popular tendo por base o conceito de António Ferro, a «Política do Espírito».

Como o autor afirma: «A cultura popular foi retirada do seu espaço e inserida em contextos urbanos e sofisticados – o museu, o lar burguês, o catálogo de exposição, relevando-se uma “aristocratização do objeto etnográfico” e culminando na sua transformação em arte nacional, servindo os regimes políticos (monarquia constitucional, 1.ª República, Estado Novo e período pós-25 de abril), alcançando, nos nossos dias, um patamar de transversalidade social».

Por último trazemos à luz um estudo de caso intitulado: *Os Equipamentos Culturais sob a tutela da Câmara Municipal de Tomar: Impacto da COVID 19 no n.º de visitantes*, que tem como objetivo perscrutar um tema bastante atual, observando as consequências da epidemia que grassa, e o modo como os dados coligidos nos podem revelar o estado da arte, relativamente aos equipamentos culturais. No caso vertente, Francisco Oliveira opta por situar o seu campo de trabalho em Tomar, não descurando a reflexão sustentada nas políticas públicas nacionais.

Pelo exposto, acreditamos ter assegurado um leque diversificado, interessante e proveitoso de leitura(s), para iniciação em determinados temas e/ou atualização de outros porventura menos explorados.

Venha o Verão, e com ele o gosto pela nossa *Revista de História, Património e Cultura*, por si e para si!

Isabel Lousada

Lisboa, Junho 2021

«... não tendo alcançado nada caminhando em linha reta,  
procurou ver se alcançava caminhando por linha curva.  
Às vezes é o caminho mais curto.»

(Machado de Assis in *Contos Completos*)